

## **Leitura Crítica da Mídia: Encorajando a Participação de Estudantes na Sociedade a Partir do Projeto Comunicaê<sup>1</sup>**

Franciani Bernardes<sup>2</sup>  
Edgard Rebouças<sup>3</sup>  
Esther Radaelli<sup>4</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

### **Resumo**

Conceitos como leitura crítica da mídia e educação para a mídia são alternativas para diferentes compreensões da inter-relação Comunicação e Educação. Além de incentivar uma maior participação dos cidadãos por meio da criação de ambientes comunicativos, cria novos espaços de interação e debate. Este trabalho apresenta as experiências feitas pelo Observatório da Mídia em escolas públicas em Vitória e explora o potencial da leitura crítica da mídia com jovens estudantes para examinar a relação entre mídia e público. Além disso, oferece propostas de ação para incentivar a plena participação na sociedade. Utilizando uma abordagem da pedagogia da inclusão social e da visão de Paulo Freire de processo de emancipação educação-comunicação, essa prática/estudo considera a escola como um ambiente central na formação do indivíduo como cidadão e um ser social.

**Palavras-chave:** educomunicação; leitura crítica da mídia, mídia e escola; educação para os Meios; observatório da mídia.

### **Introdução**

Muito se questiona os veículos de comunicação no Brasil quanto aos deveres que lhes são atribuídos enquanto concessões públicas, tais como a preferência por emitir conteúdos com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; a promoção da cultura nacional e regional; o estímulo à produção independente; a regionalização da produção cultural artística e jornalística conforme previsto no artigo 221 da Constituição Federal, e o respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Bolsista de Pós-doutoramento no Programa de Pós-graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo.

<sup>3</sup> Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo.

<sup>4</sup> Jornalista e pesquisadora do Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência.

A extensão da influência dos meios de comunicação não ocorre somente pelo que é dito, mas fundamentalmente pelo que não é dito. Como forma de manutenção de seu próprio poder, esses meios deixam de levantar questões essenciais, reforçando estereótipos e mantendo o *status quo* (PENTEADO, 1991). É justamente a partir da influência que os veículos de comunicação exercem sobre a construção das referências e representações do real na sociedade, e da premissa de que a comunicação é um direito humano fundamental, que se observa a necessidade de uma discussão sobre o modo como o processo comunicacional é construído.

Acredita-se que uma das formas de se romper com a relação fundamentalmente assimétrica, ainda que não monológica entre a mídia e a sociedade está nos projetos de comunicação popular e alternativa, que alcançaram visibilidade ao longo dos anos 1970 por meio de ações solidárias dos centros de comunicação e documentação popular, e que ganharam força durante as décadas de 1980 e 1990, quando a luta por uma comunicação democrática e participativa passou a sustentar a ação de grupos inseridos na prática social, em especial as Organizações Não Governamentais (ONGs). Neste sentido a comunicação popular caracteriza-se como uma expressão política de movimentos populares em busca de maior participação social e garantia de direitos em um contexto no qual o povo deve ocupar cada vez mais protagonismo (PERUZZO, 2006).

Um dos desdobramentos da comunicação popular é a discussão da comunicação dentro das escolas e a necessidade de sua implementação nos currículos pedagógicos de forma a promover uma integração entre práticas de ensino formal e não formal, que vão desde o conhecimento técnico das mídias até a reflexão sobre os conteúdos transmitidos cotidianamente pelos veículos de comunicação de massa. Essa alternativa tem o propósito de fornecer aos jovens estudantes alicerces para o desenvolvimento de sua autonomia, contribuindo dessa forma na formação crítica de cidadãos, assim como na construção de agentes multiplicadores dessas ideias.

Nota-se que a escola tem recebido fluxos positivos em função das mudanças de paradigmas havidas nos últimos anos, em que se constata a existência de um grupo significativo de agentes culturais no Brasil e na América Latina, que pauta suas ações e projetos sob a ótica da comunicação como um bem comum. Apesar disso, as ações relativas à integração entre educação e comunicação ainda se dão de maneira isolada. Por isso, vê-se a necessidade de desenvolver mais discussões sobre o tema, responsáveis tanto por esclarecer e delinear os sentidos por trás dos conceitos que giram em torno dele - tais como

o de Educomunicação e o de Educação para os Meios -, quanto por pensar em diferentes possibilidades e estratégias de inter-relação entre essas duas áreas do saber.

A relação entre comunicação e educação faz-se necessária diante de uma realidade que tem se transformado rápida e profundamente, obrigando o educador, não só acompanhar de perto a implantação das tecnologias de comunicação nas escolas, mas de entender esse processo em toda sua dimensão que penetra vários campos de poder: político, econômico e social. Acontece que a escola, mesmo apesar de várias iniciativas, tem tido certa dificuldade em entrar em sintonia com as necessidades de discussão desses tempos e o sistema educacional brasileiro parece estar engessado para essas novas possibilidades.

A integração entre as áreas de educação e comunicação é também um modo de superar mecanismos simplistas de ensino-aprendizagem dentro das escolas, a partir de novas possibilidades de desenvolvimento de um processo educativo que ensine a pensar, a interpretar e a questionar a sociedade.

Neste sentido, o presente trabalho não apresenta possibilidades meramente tecnológicas, mas sim um entendimento mais aproximado acerca dos principais processos que circundam os meios de comunicação e sua relação com o ser humano e com a sociedade. A ênfase apresentada nas próximas páginas mostra a importância da escola como palco no processo de discussão sobre como os meios de comunicação articulam seus discursos. Tudo dentro de uma fundamentação e das atividades do grupo de pesquisa e ação Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência, sediado na Universidade Federal do Espírito Santo.

### **Educomunicação: da Análise Crítica dos Meios à Produção Midiática Independente**

Ao longo dos anos em que se estuda a associação entre comunicação e educação foram designados uma série de denominações para tal relação, entre elas destacam-se: alfabetização midiática, educação midiática, *educación para los medios*, *media literacy*, *media education*, *informationliteracy*.

A partir dos anos 1980 o termo Educomunicação começou a ser referendado por muitos gestores educacionais e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), embora servisse apenas para designar o mesmo tipo de práticas difundidas na Europa, conhecidas como *Media Education* (SOARES, 2011).

Com o desenvolvimento de metodologias e de abordagens próprias para a prática da educação para os meios ao longo da década de 1990, núcleos de extensão de universidades e ONGs voltadas para este âmbito de ensino passaram a compreender que o exercício de produção da comunicação, de forma participativa e democrática, apresentava-se como um diferencial diante das experiências internacionais, voltadas exclusivamente para práticas de leitura crítica dos meios. Dessa forma, o termo Educomunicação passou a ser utilizado para assinalar este diferencial (SOARES, 2011). Um dos maiores difusores do termo foi o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP), que, a partir de 1999, passou a utilizá-lo de forma corrente em suas publicações. A partir dos anos 2000, a interpretação do conceito oferecida pelo Núcleo passou a circular internacionalmente, podendo ser encontrada em artigos e livros escritos em inglês, espanhol e italiano.

É preciso ressaltar que o conceito de Educomunicação, vai além da modernização de práticas de ensino, da incorporação de novos equipamentos tecnológicos e da adequação das mensagens da escola aos meios de comunicação. Trata-se de uma concepção de ensino que prima pela participação e pela socialização entre educadores e educandos na busca pela construção de um saber de ação e de reflexão.

Educomunicação é essencialmente práxis social, dando origem a um paradigma orientador da gestão de ações em sociedade e apresentando-se, por isso mesmo, como um potencial caminho para a renovação das práticas sociais, a fim de ampliar as condições de expressão de todos, em especial de crianças e jovens. Por isso, também deve estar inserida no plano pedagógico das escolas, envolvendo professores, estudantes e a comunidade em torno das instituições. Sendo assim, além de facilitar a produção de conteúdos e promover maior interação nos processos de aprendizagem, seu objetivo principal é fornecer aos jovens uma educação que faça sentido para eles e que os envolva no fazer educativo, estimulando uma adequada formação para o seu relacionamento (formas de recepção, interpretação e resposta) com os conteúdos que lhes são transmitidos pelos meios de comunicação (SOARES, 2011).

É importante ressaltar que uma educação a esse nível não pode ser entendida apenas a partir de uma perspectiva de proteção de crianças e adolescentes contra os conteúdos midiáticos, mas sim como o propósito de auxiliar-lhes no desenvolvimento de seu espírito crítico, que significa, por exemplo, ter a capacidade de distinguir a fantasia da realidade, a informação útil da não útil, compreender que as mensagens da mídia são construções com

determinados objetivos, bem como entender seu papel econômico, político, social a nível local e global (PEREIRA, 2000).

Todas as formas de relacionamento com regras determinadas e rigorosamente seguidas dão origem a um tipo específico de ecossistema comunicativo (SOARES, 2011). Nesse sentido, a Educomunicação, encarada com uma maneira própria de relacionamento, é responsável por fazer com que as normas que regem o cotidiano das instituições tenham como premissa a busca pelo diálogo como método de ensino, aprendizagem e convívio. Trata-se, portanto, de um projeto educativo que tem como ponto chave o interesse pela qualidade de relacionamentos, aliada a busca por resultados "estabelecidos a partir de uma proposta comunicativa negociada no âmbito da comunidade educativa" (SOARES, 2011, p.45).

Uma das principais premissas para a aplicação da Educomunicação aos sistemas educacionais é compreender tanto o conceito, quanto os diversos modos pelos quais ele pode se manifestar no cotidiano das instituições. Para tanto, Soares (2011) propõe uma sistematização acerca das principais linhas de articulação teórico-práticas, capazes de facilitar o aprofundamento do diálogo entre a Educomunicação e o ensino.

É justamente visando a oferecer uma alternativa às escolas da Região Metropolitana da Grande Vitória, no estado do Espírito Santo, que ainda não contam com profissionais especializados para a articulação das interfaces entre Educação e Comunicação, que o Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência, desenvolveu, em 2013, o projeto de extensão “Comunicaê - Educação para Mídia” com objetivo de oferecer oficinas de Educação para os Meios, cujo foco é a busca pelo despertar da consciência crítica de jovens diante do contexto midiático no Brasil e dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação.

As oficinas se encaixam fundamentalmente em duas áreas de intervenção: a área da Educação para a Comunicação e a da Reflexão Epistemológica, uma vez que este não se trata de um projeto integrado ao plano pedagógico escolar, mas sim de uma alternativa para que as práticas de Educação para os Meios cheguem às instituições educacionais enquanto ainda não são difundidas pelas políticas públicas voltadas para sua integração ao currículo escolar.

### **Educação para os Meios: uma das Faces da Educomunicação**

É patente uma preocupação a nível mundial com a relação entre comunicação e educação.

O que se explica pela potencialização do desenvolvimento da mídia e pela maneira como a sociedade se configura na atualidade. Em decorrência dessa preocupação, nos últimos trinta anos, têm aparecido uma grande variedade de enfoques teóricos, com objetivos e metodologias específicos.

A princípio, a preocupação principal era defender a audiência do poder dos meios, que se supunham onipresentes. No início da concepção da linha de Educação para os Meios, o pensamento tinha força mais na denúncia do que na pedagogia, pois foi herdeira dos estudos críticos da década de 1970 – desenvolvidos, principalmente, pela Escola de Frankfurt.

No decorrer de 1980, no entanto, a Educação para os Meios mudou o seu foco para experiências educativas com receptores, através de várias instituições sociais, tais como: família, escola, bairro. Aqui, convém acrescentar que, na América Latina, as pesquisas sobre recepção e a Educação para os Meios se desenvolveram de maneira interdependente, por isso, a compreensão de uma se relaciona com a outra de forma profunda (LOPES, 2011).

Esse entendimento elucida a base das ações desenvolvidas pelo Observatório da Mídia, assim como as oficinas realizadas no projeto "Comunicaê", que encara os meios de comunicação da mesma forma como define Fígaro (2011, p. 91): “Estudos de recepção propõem uma abordagem diferenciada dos meios de comunicação, vendo-os como processo de interação social”. Dessa forma, vê-se essa relação que existe entre os meios de comunicação e os seres humanos de forma complexa, saindo de posições maniqueístas entre “pessoas alienadas” e “mídia manipuladora”.

Faz-se um esforço de resgate da cultura e da ideia de *sujeito* (FIGARO, 2011). Assim, pensa-se em elaborar uma crítica como forma de desnaturalizar, desconstruir e tornar conhecido uma série de discursos e códigos que circundam a realidade midiática. Encarando o ser crítico - tal como Terrero (2011) reafirma a ideia de capital cultural de Bourdieu (2000) – como um indivíduo conscientizado sobre a distribuição de poder que existe dentro da sociedade.

Dentro dessa perspectiva, os trabalhos envolvendo a concepção de Educação para os Meios nasceram dos movimentos sociais da década de 1970 e se tornaram experiências tanto da educação formal, quanto não formal, sendo desenvolvida por diversas entidades sociais, com o objetivo de incutir a cidadania, a discussão sobre a pluralidade de vozes e sobre a democratização da comunicação.

Para ser um pouco mais concreto, no que diz respeito a entender os tipos de discussão que poderiam colaborar com um processo de compreensão mais profundo acerca da mídia e dos campos que a envolvem, Meyrowitz (2001), que usa o termo alfabetização midiática, oferece algumas formas para realizar esse tipo de trabalho.

A concepção mais comum de mídia é a de que eles são condutores que contém e enviam mensagens. Esta concepção tem provocado muitas formas de discussão e de estudar o conteúdo da mídia. Dentro desta visão geral, alfabetização midiática básica envolve ser capaz de acessar e analisar mensagens numa variedade de media. Alfabetização de conteúdos toma muitas formas. Isto inclui estar capacitado a decodificar e decifrar a intenção manifesta da mensagem; explorar as mensagens latentes intencionais ou não; estar consciente de diferentes gêneros de conteúdos; estar consciente das forças culturais, institucionais e comerciais que tendem a levar certos tipos de mensagens enquanto outras são evitadas; e entender que diferentes indivíduos e grupos tendem a “ler” os mesmos “textos” diferentemente (MEYROWITZ, 2001, p.89).

Neste processo, o autor salienta a importância de conhecer a gramática da mídia, a partir dos seguintes questionamentos: por que a escolha de um ângulo? O que significa? E reforça ainda que os produtores querem que o público se atenha ao conteúdo e não em entender os elementos gramaticais. A alfabetização midiática mais completa deverá conter desde esse entendimento dos elementos, até o entendimento dos tipos de meios de comunicação e de seu lugar dentro da sociedade.

Ao final deste trabalho, mostraremos como essas abordagens foram construídas através da experiência prática realizada em sala de aula.

### **Ação de educação para a mídia**

O projeto Comunicaê - Educação para Mídia iniciou suas primeiras atividades em 2011 e foi oficializado como projeto de extensão<sup>5</sup> em 2013. O objetivo principal da proposta é promover a educação midiática de jovens com a exposição e a discussão de fatos midiáticos relacionados à publicidade, às telenovelas e ao jornalismo. Pretende, além disso, auxiliar os estudantes na produção de conteúdos midiáticos tais como vídeos que se relacionem com assuntos relacionados ao seu cotidiano.

A proposta de construção das oficinas foi elaborada de maneira a incluir os temas de maior alcance da audiência e de forma a integrar todas as habilitações do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes): Jornalismo,

---

<sup>5</sup>O projeto de extensão é coordenado pelos professores doutores Edgard Rebouças e Franciani Bernardes Frizera e conta também com a participação da jornalista Esther Ramos Radaelli. A proposta principal do projeto é auxiliar estudantes do Ensino Fundamental e Médio no processo de desenvolvimento de sua capacidade crítica em relação aos meios de comunicação por meio da realização de oficinas de leitura crítica.



Publicidade e Propaganda e Cinema e Audiovisual. Por isso, a participação no projeto não ficou restrita aos universitários e pesquisadores do Observatório da Mídia e foi aberta, dessa forma, a todos os estudantes do curso. Os interessados em participar do projeto podem atuar tanto no processo de produção das oficinas, quanto no momento de sua efetivação na escola.

O método de trabalho utilizado é a pesquisa-ação. O universo da atividade é composto por jovens residentes da Região Metropolitana da Grande Vitória, no estado do Espírito Santo, estudantes de escolas municipais e estaduais com idade igual ou superior a 12 anos. Do segundo semestre de 2013 até o primeiro semestre de 2015 as oficinas de leitura crítica foram realizadas em três escolas da Grande Vitória. Em cada instituição de ensino as atividades foram realizadas durante quatro dias, com duração aproximada de duas horas cada uma.

O foco da discussão dos conteúdos são, respectivamente, noticiários, publicidade, telenovelas e produção audiovisual. Durante as oficinas são mostrados alguns slides contendo imagens, perguntas e vídeos sobre assuntos variados, tratados nos grandes meios. O objetivo é provocar uma conversa sobre os temas apresentados. No caso da oficina de “Jornalismo”, uma pergunta foi colocada para os estudantes: o que vocês entendem por mídia? Logo depois foram feitos outros questionamentos: como você se informa? Discute sobre as notícias com alguém? Com quem? Já imaginou como seria o mundo sem notícias? À medida que as respostas surgiam, outras perguntas eram feitas de modo a se entender qual a relação cotidiana dos estudantes com o tema tratado.

No início e término da atividade são distribuídos dois questionários. O primeiro conta com os seguintes indicadores: tempo e frequência de uso dos meios de comunicação; Modos de uso; Atividades e conteúdos preferenciais; Experiência com conteúdos violentos ou outros tipos de conteúdos nocivos à infância. O segundo, relaciona-se com o resultado das oficinas: 1. Qual seção nas oficinas que você mais gostou? 2. E qual seção você menos gostou? 3. Quais assuntos você gostaria que fossem abordado nas próximas oficinas? 4. Você recomendaria essa oficina para alguém que você conhece? Para quem? 5. Alguma coisa mudou na sua maneira de ver os meios de comunicação? Se sim, o quê? 6. Você acha que é preciso estudar/ discutir sobre a mídia para entender melhor como ela funciona? Se sim, por quê? 7. Acha que algo deve mudar nos meios de comunicação? Se sim, o quê? 8. Dê uma nota para as oficinas realizadas (entre 0 e 10). 9. Escreva aqui seu comentário (opcional).



Os resultados apresentados a seguir referem-se aos dados do segundo questionário, obtidos a partir das oficinas realizadas com turmas de sétimo e oitavo ano na Escola Municipal de Ensino Fundamental Escola Experimental, localizada no campus de Goiabeiras da Ufes. As turmas participantes contavam com uma média 25 estudantes cada, na faixa etária de 12 e 13 anos. As oficinas foram realizadas nas aulas de Língua Portuguesa, escolha feita pela própria escola, e que vai ao encontro da proposta do projeto, que é justamente fazer com que os conteúdos das oficinas possam ser utilizados de forma a complementar e potencializar os temas estudados pelos alunos nas disciplinas previstas no currículo escolar.

Seguindo a metodologia proposta por Joan Ferrés (1996), uma característica que permeou todo o processo de formação foi trabalhar, antes de tudo, com a percepção, sensação e conhecimento prévio dos adolescentes sobre os assuntos, buscando temas recorrentes de seu cotidiano como forma, inclusive, de envolvê-los nas discussões e estimular sua participação.

## **Resultados**

A satisfação dos jovens sobre esta ação reflete nos comentários escritos no último tópico do questionário:

- *“Essa oficina foi a melhor coisa que aconteceu este ano”;*
- *“As oficinas foram ótimas, me trouxe mais conhecimento e queria que tivessem mais. Obrigada.”;*
- *“Foi tudo ótimo, vocês devem voltar”;*
- *“Foi muito bom e legal, adorei a experiência”;*
- *“Adorei as oficinas e não queria que acabassem”;*
- *“Sem palavras para descrever”;*
- *“Foi ótimo, eu aprendi muitas coisas que eu não sabia. E eu achei muito legal vocês compartilharem seus conhecimentos”;*
- *“As aulas foram superinteressantes, eu até penso em me aprofundar mais”.*

Como é possível observar, grande parte das mensagens pede pela continuidade das oficinas, um indício de que essa discussão possui terreno fértil e que existe um entendimento de sua importância.

Houve uma grande participação e receptividade por parte dos menores durante todos os módulos apresentados. Existiu uma preocupação em tentar estabelecer uma relação de dialogicidade, termo defendido por Paulo Freire (2005) como essência da educação como

prática da liberdade. Para o autor o diálogo deve ser tratado como um fenômeno humano, “se nos revela como algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também seus elementos constitutivos” (FREIRE, 2005, p.89).

Assim, os estudantes sentiam que possuíam a liberdade de falar, pois não se tratava do que era certo ou errado e sim da percepção de cada um sobre seus hábitos e ideia de comunicação. Observa-se que assunto mídia é atraente. Os estudantes mostraram-se envolvidos e ativos nas discussões e dinâmicas. Os dados revelaram que 100% dos alunos que participaram das atividades avaliaram as oficinas com notas entre 9 e 10. Sendo que cerca de 90% avaliaram com nota 10.

Para se ter uma resposta mais precisa acerca da realização da atividade de leitura crítica da mídia, os questionários foram distribuídos em momentos específicos: o primeiro antes do início das oficinas e o segundo algumas semanas após o término das mesmas.

Seguindo a ordem das perguntas, na primeira questão, sobre qual módulo das oficinas que mais gostaram, as turmas apresentam resultados bem distintos. No oitavo ano a oficina mais votada foi telenovela (43,47%), seguida de produção audiovisual (26,08%). Publicidade e jornalismo ficaram empatados (13,04%). Alguns estudantes votaram em mais de uma opção e outros escreveram “todas” (8,69%).

Já no sétimo ano a oficina de produção obteve a maioria dos votos (54,16%), seguido de “todas” (45,83%). A seguir, os três outros módulos ficaram empatados com 4,16%. Na questão dois, sobre o módulo que menos gostaram, nas duas séries a maioria respondeu “nenhum”.

Na terceira pergunta, sobre os assuntos que gostariam que fossem tratados, em ambas as turmas, o mais citado foi “filmes”. De resto, apareceram temas variados, como: mensagens subliminares, artistas/famosos, fofocas, esportes capixabas, drogas, mistério, manifestações, games, concorrência, comédia, etc.

Na quarta pergunta sobre se eles recomendariam a oficina para alguém, a maioria informa que indicaria “para os amigos”, “todas as pessoas” e “para a família”. No sétimo ano, o maior número de votos foi para “todas as pessoas”, seguido de “amigos e família”. O resultado da quinta pergunta apresenta uma grande divisão de opiniões: 47,61% disseram que sim, que algo mudou a forma de ver os meios de comunicação após as oficinas e 52,38% disseram que não, que nada mudou.

Dos que responderam afirmativamente, as justificativas foram as seguintes: *“agora eu observo mais os detalhes”*; *“que os produtos não parecem como mostram nos comerciais”*; *“agora percebo que tudo tem algum objetivo ou propósito”* e *“pois devemos buscar mais de uma fonte de informação, pois a maioria das vezes fotos e informações são adulteradas”*; *“o modo de ver as propagandas enganosas”*; *“ficar mais atento ao ver as notícias”*; *“vi o lado mais complexo das coisas”*; *“agora vejo melhor como as emissoras de TV tentam nos manipular”*; *“os meios de comunicação ensinam muitas coisas”*; *“prestar mais atenção no que vejo e leio”*; *“devemos prestar mais atenção nas reportagens e não ficar só no computador”* e *“saber trabalhar em grupo”*. Os que responderam não, e que justificaram sua resposta, escreveram: *“pois já sabia e praticava essa maneira de ver que nos foi apresentada”*; *“sempre vi a comunicação de maneira perceptiva e crítica”*.

Na seguinte pergunta *“acha que algo deve mudar nos meios de comunicação? Se sim, o quê?”* 38,09% responderam que sim. Entre as explicações estão: *“deveriam parar de tentar mudar a nossa opinião”*; *“que as notícias sejam mais dinâmicas e não tentem nos manipular”*; *“mesmo que sejam bons, precisam melhorar muito”*; *“vejo muita notícia de acidente, gostaria que fosse mais diversificado”*. Os 61,9% que disseram que não, afirmaram que não acreditam que precise de mudanças.

E finalmente, na sétima pergunta *“Você acha que é preciso estudar/ discutir sobre a mídia para entender melhor como ela funciona?”* 57,14% disseram que sim. Dos que disseram que não é importante discutir sobre mídia, poucos justificaram a posição, um deles respondeu: *“não me importo com isso”*. No entanto a maioria que acredita ser importante debater o tema, justificou que as pessoas devem se informar mais. Outras respostas disseram que: *“sem estudos não entenderíamos a mídia”*; *“porque é muito complicado para entender”*; *“para se aprimorar mais nessa conversa”*; *“é bom aprender coisas novas”*, *“pois é bem legal e produtivo”*.

### **Considerações Finais**

A experiência das oficinas mostrou o quanto os estudantes já possuem repertórios de questionamentos, mas além disso, mostrou o quanto ainda é preciso discutir este assunto com eles. A experiência com a mídia é cotidiana, mas sua desnaturalização não. Assim como enxergar os produtos midiáticos como algo pronto foi uma construção histórica, a percepção de vê-los como um processo também só será alcançada por essa via. A escola é um espaço fecundo para esse debate e para tantos outros que constituem a esfera pública,

mas alguns desafios precisam ser superados para conseguir essa aproximação entre áreas, como esta ação vem demonstrando.

Os estudantes, cada um com sua visão de mundo, possuíam referenciais diversos para enxergar os veículos de comunicação. Nos trouxeram suas experiências a todos os graduandos e pesquisadores que integraram este projeto. Os resultados dos questionários são apenas materializações do que se pôde constatar via sala de aula: existem discussões urgentes sobre esse mundo que não estão sendo feitas de maneira efetiva nas escolas. Isso pode ser visto como uma carência. Professores, coordenadores, pedagogos e alunos acolheram e de certa forma até disseminaram a ideia do projeto. Existe a total recepção dos estudantes em participar desse debate e eles possuem plenas condições de fazê-lo, só precisam dos elementos necessários para que isso se concretize.

“O termômetro que mede a democracia numa sociedade é o mesmo que mede a participação dos cidadãos na comunicação” (SOUZA apud GUARESCHI e BIZ, 2005, p.13). Essa ideia parece bem coerente e latente de ser refletida considerando o modo como o mundo se configura hoje. Em uma sociedade cada vez mais midiaticizada, a influência dos meios de comunicação sobre os modos dos indivíduos serem e de estarem no mundo é difícil de ser contestada. Diante desse quadro, acredita-se ser fundamental investir na formação de sujeitos conscientes das inúmeras faces que envolvem o jogo político e econômico da comunicação, aptos a refletirem criticamente sobre os conteúdos que lhes são apresentados.

E, por que não, aptos para serem agentes na mídia, como produtores de conteúdo? Encarando a comunicação como um direito humano fundamental e, portanto, imprescindível à cidadania. Nota-se também a necessidade de estimular a produção de conteúdos midiáticos por parte de toda a sociedade, como forma de ampliar o diálogo e proporcionar diferentes visões acerca de determinados fatos. Para tanto, percebe-se a Educomunicação como uma alternativa viável para o alcance de uma sociedade mais democrática. A escola parece ser um espaço central para este tipo de formação que não pode mais ser omitida em detrimento de interesses particulares.

A carência da educação para a mídia nas escolas é apenas a ponta de um dos debates de uma discussão que tem sido travada há décadas. Uma discussão que parece óbvia, mas que, como tantas outras, continua restrita a nichos em decorrência, justamente, desses jogos de poder aos quais os estudantes precisam ser apresentados para terem uma compreensão mais precisa do mundo. A concretização de algumas atividades educacionais nos

últimos anos apontam para certo caminhar, mas que precisa avançar, e (por que não?) encontrar formas para se converterem em políticas públicas. O presente trabalho não pretende – e nem acredita – que existe uma forma única de esgotar uma discussão dessa magnitude, mas propõe que esse tema ganhe o espaço que lhe parece justo e devido.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

FERRÉS, J. **Televisão e educação** – Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FÍGARO, R. Estudos de recepção para a crítica da comunicação. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA; Maria Cristina Castilho (org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 91-104.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GUARESCHI, P. A.; BIZ, O. **Mídia e democracia**. Porto Alegre: P.G/O.B, 2005.

LOPES, P. C. **Educação para os media nas sociedades multimedáticas**. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa. 2011. Disponível em: [http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/2971/1/CIES-WP108\\_Lopes.pdf](http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/2971/1/CIES-WP108_Lopes.pdf)> Acesso em 01 fev.2014.

MEYROWITZ, J. As múltiplas alfabetizações midiáticas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 15, p.88-100, 2001.

NCE/USP. **EDUCOM.RÁDIO: O projeto pretende combater a violência e favorecer uma cultura de paz nas escolas**. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/?wcp=/oquefazemos/texto,4,14,30>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

PENTEADO, H. D. **Televisão e escola: conflito ou cooperação?** São Paulo: Cortez, 1991.

PEREIRA, S. **Educação para os media e cidadania**. Universidade do Minho. 2000. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4768/1/Cidadania%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20para%20os%20Media.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

PERUZZO, C. M. K. Revisitando os conceitos de Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa. In: XXIX Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, 2006, Brasília. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

SOARES, I. de O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

TERRERO, J. M. **Avaliação de metodologias na educação para os meios**. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA; Maria Cristina Castilho (org.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 135-157.

UNESCO. **Declaração de Grunwald sobre Educação para os Media**. 1982. Disponível em: <<http://www.gmcs.pt/ficheiros/pt/declaracao-de-grunwald-sobre-a-educacao-para-os-media.pdf>> Acesso em: 30 ago. 2013.

UNESCO, **Paris Agenda: 12 Recommendations for Media Education**. 2007. Disponível em: <[http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/IMG/pdf/Parisagendafin\\_en.pdf](http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/IMG/pdf/Parisagendafin_en.pdf)> Acesso em: 25 set. 2013.